



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS DEPARTAMENTO DE LETRAS

Disciplina: Linguística I

Docente: Taíse Simioni

Discente: Maria Eduarda Campese Ribeiro

Morfologia para todos

Você já se perguntou o que é uma palavra? Ou como expressões comumente utilizadas, como “portunhol”, são formadas? Ou, ainda, como conseguimos estabelecer o significado de palavras com as quais não tivemos contato antes?

Há algo em comum entre esses questionamentos: a Morfologia. Esta área da linguística tem como objeto de estudo as palavras, com suas estruturas, flexões e formações. Nesse sentido, este texto toma como base a obra “Introdução à linguística: domínios e fronteiras”, organizado por Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes, mais especificamente seu quinto capítulo, “Morfologia”, escrito por Maria Filomena Spatti Sandalo, com o intuito de difundir o que essa área dos estudos linguísticos é e qual a sua importância.

Para início de conversa, é necessário refletirmos sobre o conceito de “palavra”. Na linguística, essa é uma discussão que gera questionamentos até hoje e isso se deve ao fato de que vários critérios podem ser adotados para defini-la, mas acabam sendo contraditórios. Estabeleceremos, para fins de nossa análise, tal qual para Sandalo (2001, p.183), como “uma unidade mínima que pode ocorrer livremente”. Segundo a explicação dada pela autora, para que seja classificado como palavra, um termo deve ser capaz de assumir diversas funções sintáticas, além de ser suficiente para dar uma resposta. A palavra “nabo”, no exemplo dado por Sandalo, é eficaz para ser resposta à pergunta “O que Maria comprou hoje?” e pode assumir diversas funções, como nas frases “Maria comprou nabos na feira hoje” (objeto) e “Nabos foi o que Maria comprou na feira hoje” (sujeito). Dessa forma, ao analisarmos cada termo que conhecemos, se corresponderem a esses requisitos, podem ser classificados como palavras.

Nesse sentido, as palavras são a unidade máxima da Morfologia, ou seja, o limite de abrangência para essa área. A mínima (o objeto de uma abordagem mais aprofundada) é, então, os elementos que a compõem, ou seja, os morfemas. Respondendo à terceira pergunta introdutória deste texto, os morfemas permitem que façamos associações entre nossos conhecimentos prévios e novos conceitos com os quais passamos a ter contato. Assim como demonstrado por Sandalo (2001), mesmo que não tenhamos contato com a palavra “nacionalização”, ao a lermos, ligamos os termos nação (pátria), *al* (que converte um substantivo em adjetivo), *izar* (que transforma um adjetivo em verbo) e *ção* (que converte um verbo em substantivo). Dessa forma, estabelecemos que essa palavra designa o ato de nacionalizar.

Quanto aos morfemas, podemos encará-los como partes pertencentes às palavras e que permitem a sua existência. Eles são classificados como: radical, desinência, afixo, vogal temática, vogal ou consoante de ligação, como evidenciado e explicado no quadro a seguir:

Radical	Desinência	Vogal temática	Afixo	Vogal/Consoante de ligação
Refere-se à parte imutável das palavras, que serve de base para a formação de novas palavras. Ex.: livro , livraria , livreiro .	Caracterizam as palavras quanto ao número, ao gênero e à conjugação verbal. Ex.: gato (masculino singular), gatas (feminino plural), faremos (primeira pessoa do plural).	É a vogal que indica a qual conjugação os verbos pertencem. 1° conjugação: vogal temática A (animar, insinuar). 2° conjugação: vogal temática E (comer, fazer). 3° conjugação: vogal temática I (persuadir, insistir).	Envolve os prefixos (precede o radical) e os sufixos (sucede o radical), dando diversos significados. Ex.: infeliz , bifásico , felicidade , dentista .	Sua função é ligar morfemas para auxiliar na pronúncia das palavras. Ex.: chaleira , maresia .

Ao falarmos sobre a Morfologia, é necessário evidenciar que ela pode ser vista sob duas perspectivas: a estruturalista e a gerativa. Para a primeira, uma das preocupações deve ser como reconhecemos termos de línguas que nunca ouvimos e como é possível criar palavras nunca proferidas anteriormente. Nesse sentido, a metodologia do Estruturalismo reflete que é possível identificar os morfemas mesmo de línguas que não conhecemos. Ao analisarmos uma língua desconhecida, conseguimos perceber algumas características que se repetem em determinado contexto, como quando conjuga-se um verbo no presente simples em terceira pessoa do singular na Língua Inglesa e é possível ver um certo padrão, como, por exemplo, *eats*, *dances*, *writes* etc. Como é perceptível nas exemplificações, há uma semelhança nesse caso, uma vez que, quando conjugados, todos esses verbos terminam em “s”. É possível, então, associar a Morfologia estruturalista à Sintaxe, uma vez que essa última estuda a formação, a disposição e a função das palavras, além da variação das frases. Assim, a mudança das palavras relaciona-se com a criação de sentenças, uma vez que o verbo deve ser conjugado de acordo com o sujeito da oração, por exemplo.

Ainda sobre o Estruturalismo, sua função não é explicar o porquê de esses fatos acontecerem: somente apontam sua existência, deixando à teoria gerativa a finalidade de responder a essas indagações.

Partindo para a análise gerativa, ela teve sua ascensão na década de sessenta e diz respeito ao conhecimento e ao domínio que um falante tem de sua própria língua. Nesse sentido, podemos observar como uma pessoa enxerga sua língua nativa com base na criação de novas palavras, por exemplo. Na segunda pergunta da introdução, podemos perceber a existência do termo “portunhol”, que revela a capacidade de um falante criar novas expressões de acordo com o conhecimento prévio que possui. Assim, ao desejar associar as línguas portuguesa e espanhola, se permite uni-las em uma única palavra.

Percebe-se, com essa análise, o quão complexos são os estudos e os pensamentos acerca da Morfologia. Assim, devemos encará-la como um ponto crucial de investigação da área de linguística, além de valorizar seus estudos.